Anais | III Seminário Latino-Americano de Estudos em Cultura - SEMLACult
Actas | III Seminario Latinoamericano de Estudios en Cultura - SEMLACult
Novembro de 2020, Online | semlacu.lt
Resumos Expandidos

E as crianças indígenas: onde estão?

¿Y los niños indígenas: donde estan?

Silvia Maria Alves de Almeida
"Doutoranda em Educação; Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal de Santa Catarina; Florianópolis, Santa Catarina, Brasil; silvia@unochapeco.edu.br"
Patricia de Moraes Lima
"Doutora em Educação; Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil; patricia.demoraeslima@gmail.com"

Resumo

A escrita deste texto, parte de uma pesquisa etnográfica com crianças indígenas Kaingang, a qual tece algumas reflexões acerca da produção de conhecimentos sobre os modos de ser e viver das crianças indígenas, na aldeia e na cidade. O objetivo aqui, está em problematizar, interrogar o próprio pensamento e as práticas sociais colonizadoras, que silenciam e tornam "invisíveis" as crianças indígenas em pesquisas, nas diversas áreas de conhecimento e em diferentes instituições, que nos remete a questão: onde estão as crianças indígenas? A pesquisa aconteceu no oeste de Santa Catarina, numa aldeia indígena da etnia Kaingang, entre os anos de 2017 a 2019. Diante da colonialidade do poder, de referenciais eurocêntricos e de projetos universais da modernidade globalizada, institui-se modos de pensar, viver e educar as crianças que se colocam como "verdades", os quais destituem os saberes indígenas sobre a vida. Os povos indígenas re-existem dentre as narrativas, prescrições, saberes que os colocam numa outra relação, o que incide em outros modos de olhar e pensar as crianças.

Palavras-Chave: Crianças; Kaingang; Etnografia; Colonialidade do poder; Eurocêntrico.

Resumen

La escritura de este texto, parte de una investigación etnográfica con niños indígenas Kaingang, que teje algunas reflexiones sobre la producción de conocimiento sobre las formas de ser y vivir de los niños indígenas, en el pueblo y en la ciudad. El objetivo aquí es cuestionar, cuestionar el propio pensamiento y las prácticas sociales colonizadoras, que silencian y hacen "invisibles" a los niños indígenas en las investigaciones, en diferentes áreas del conocimiento y en diferentes instituciones, lo que nos lleva a la pregunta: ¿Dónde están los niños indígenas? La investigación se llevó a cabo al oeste de Santa Catarina, en una aldea indígena de la etnia Kaingang, entre los años 2017 a 2019. Frente a la colonialidad del poder, referentes eurocéntricos y proyectos universales de modernidad globalizada, se ponen en marcha formas de pensar, vivir y educar a los niños, que se plantean como "verdades", que privan del conocimiento indígena sobre la vida. Los pueblos indígenas reexisten entre las narrativas, prescripciones, saberes que los pone en otra relación, que incide en otras formas de mirar y pensar de los niños.

Palabras claves: Niños; Kaingang; Etnografía; Colonialidad del poder; Eurocéntrico.

1. Encontros no campo da pesquisa com crianças: algumas aproximações

A pesquisa com as crianças indígenas kaingang, decorre de inquietações, que diluem-se pelas escritas de diversas áreas do conhecimento, entre as leituras que problematizam, justificam, interrogam, subjugam, comparam, reproduzem, desconstroem, constroem, conhecimentos e práticas sociais, por relações de poder, que se fazem, nas palavras de Chimamanda no compromisso de *"quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas"*.

O contato com as crianças e adultos indígenas intensificou-se no decorrer da pesquisa de doutorado em educação, assumindo a etnografia como opção metodológica. Para Crapanzano (2016, p.91) "(...) a etnografia é historicamente determinada pelo momento do encontro do etnógrafo com quem quer que ele esteja estudando". O campo então se definiu por estar com as crianças na aldeia e na cidade quando estas acompanhavam os familiares na comercialização de seus artesanatos. As narrativas foram registradas em diário de campo no decorrer das idas a campo na aldeia e na cidade. Os primeiros encontros com o campo de pesquisa foram de aproximação com os adultos, somente um tempo depois o encontro com as crianças, quando a relação de confiança estava mais sedimentada.

Para Geertz (1989, p. 7) o etnógrafo confronta-se com "(...) uma multiplicidade de estruturas conceptuais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar".

2. Interrogar-se por entre os conhecimentos ao pensar as crianças indígenas

Atravessadas enquanto pesquisadoras, profissionais da educação, por referenciais eurocêntricos, relações colonizadoras, que cotidianamente coisificam o outro, que violam e submetem os saberes e práticas sociais dos povos indígenas acerca de si, de sua cultura e da cotidianeidade, a pesquisa com as crianças indígenas Kaingang, foi materializando-se por entre a aldeia, a cidade e pelos conhecimentos produzidos pelas diferentes áreas do conhecimento acerca dos povos indígenas. O que nos levou a uma infinidade de interrogações acerca do que temos na literatura e nas pesquisas que dizem das crianças indígenas kaingang? Como e onde elas aparecem narradas? Quem as narra e de que forma? Onde estão as crianças indígenas na literatura? E na aldeia e na cidade que lugar elas ocupam? A intenção não esteve na busca por resposta, mas o desafio de colocar-se na relação com o que se produz sobre as crianças de modo a interrogar o que produz-se em pensamentos e práticas sociais nos referenciais que se tem de crianças kaingang.

Cèsaire (2010, p.19), cita que, "Haveria que se estudar, em primeiro lugar, como a colonização trabalha para descivilizar o colonizador, para embrutecê-lo no sentido literal da palavra, para degradá-lo (...), para despertar seus recônditos instintos em prol da cobiça, da violência, do ódio racial (...)".

Ao reiterar as questões levantadas por Césaire sobre a colonização, destacamos aquelas em que o autor nos coloca como responsáveis por práticas de subalternidade do outro, que na relação com o outro, não europeu, "fechamos os olhos diante dele" e de suas atrocidades. Para o autor, "(...) ninguém colonializa inocentemente, que também pouco ninguém coloniliza impunemente, que uma nação que colonializa, que uma civilização que justifica a colonização e, portanto, à força, já é uma civilização enferma, moralmente ferida (...). (CÉSAIRE, 2010, p.26)

Pensar sobre as crianças e infâncias indígenas Kaingang nos coloca diante da "fragilidade" e "estranhamento" deste pensar ocidental que coloniza os modelos e imagens de crianças e infâncias atravessadas por discursos, enunciados, saberes, reconhecidos e validados pela ciência, religião, mídia, arte, que as constituem, objetiva e subjetiva, demarcando seus modos de ser e viver em sociedade. Esse pensar se põe em diálogo e na desconstrução dos referenciais que perspectivam um "modelo" de criança e infância – "branca", educada, asseada, frágil. "Despir-se" de discursos, modelos e referenciais que constituem uma leitura de mundo universal talvez nos permita "conhecer" as crianças indígenas naquilo que elas se

apresentam e "inquietar" os modos como as pensamos e as registramos em nossas pesquisas, para vermos e estarmos com elas num encontro que se faz pela alteridade e pelo cuidado do outro. Nas palavras de Foucault,

> Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou refletir. (...) mas o que é filosofar hoje em dia - quero dizer, a atividade filosófica senão o trabalho crítico do pensamento sobre o pensamento? Se não consistir em tentar saber de que maneira e até onde seria possível pensar diferentemente em vez de legitimar o que já se sabe? (...) O 'ensaio' - que é necessário entender como experiência modificadora de si no jogo da verdade, e não como apropriação simplificadora de outrem para fins de comunicação (...) um exercício de si, no pensamento. (FOUCAULT,1984, p.13)

Das leituras que buscávamos acerca dos povos indígenas, para pensar as crianças, num "exercício de si pensar", muitas destas contribuíram para a compreensão e problematização de questões envolto a história; a educação; a cosmologia; a expropriação dos saberes e da cultura indígena; as lutas pela terra; o processo de colonização (Brighenti (2015); Carbonera; Lino; Onghero, (2017); Dmitruk (2003). Porém, o romper das leituras, conceitos, dos discursos produzidos sobre os indígenas, foi balizado quando habitamos outras epistemologias, que confrontaram e posicionaram outros modos de ler, pensar e escrever o "outro" e as "verdades" inscritas, ao romper saberes por outras palavras, outras relações, outros dizeres que problematizam e desconstroem estruturas sedimentadas pela colonialidade do poder. (MIGNOLO, 2003)

Conforme Mignolo (2003, p.9) a metade do século 20 estava marcada pela diferença colonial que distinguia os centros e periferias, a partir da metade deste século, sob uma outra relação de poder, o colonialismo global emerge sobre o domínio das corporações transnacionais, que transformará o colonialismo e a colonialidade do poder. "(...) No passado a diferença colonial situava-se lá fora, distante do centro. Hoje emerge em toda a parte, nas periferias dos centros e nos centros da periferia".

As questões que envolvem a colonialidade do poder produzem formas de viver e pensar das crianças indígenas em suas experiências na aldeia e na cidade, não há mais limites geopolíticos que dividem e separam "o que é" da aldeia e da cidade, do que é indígena e não indígena, do sul e norte, do local e global, as relações se ramificaram e tomaram uma proporção planetária da relação com o "outro". Para Mignolo (2003, p.10) "A diferença colonial no/do mundo colonial/moderno é também o lugar onde se articulou o "ocidentalismo", como imaginário dominante do mundo colonial/moderno".

Para Quijano (2010, p.119) as relações de poder que emergem do capitalismo em toda a América Latina, despontam para um modelo societal eurocêntrico, em que a colonialidade e a modernidade configuram-se em outras relações intersubjetivas, objetivando e subjetivando identidades geoculturais pelas relações de poder – negros, índios, mestiços, brancos, amarelos. As novas identidades que se produzem, e suas relações de poder, definirá também "(...) novas relações intersubjetivas de dominação e de uma perspectiva de conhecimento mundialmente imposta como a única racional." Neste sentido, nas palavras do autor, destacamos para o modo de operar eurocêntrico ao pensar e estar com o "outro":

> O eurocentrismo levou virtualmente todo o mundo a admitir que numa totalidade o todo tem absoluta primazia determinante sobre todas e cada uma das partes e que, portanto, há uma e só uma lógica que governa o comportamento do todo e de todas e de cada uma das partes. As possíveis variantes do movimento de cada parte são

> secundárias, sem efeito sobre o todo e reconhecidas como particularidades de uma regra ou lógica geral do todo a que pertencem. (QUIJANO, 2010, p.94-95)

Acessar o que estava enunciado na aldeia, por entre os lugares, os costumes, a cultura, as moradas, as instituições que ali se faziam presentes, como a escola, a igreja, a unidade de saúde, nos deparamos com sinais de um tempo e espaço que prescreve e questiona o valor da totalidade, da universalidade de conhecimentos sobre as experiências da vida de adultos e crianças que os constitui nas suas diferenças. Porém, os conhecimentos que reproduzem modos de pensar colonizadores e as práticas de expropriação dos saberes locais pelos não indígenas e instituições, incidem sobre as narrativas indígenas kaingang, incide nos modos de ser e viver das crianças na aldeia e na cidade.

Neste sentido, tecemos outras interrogações que no percurso da pesquisa nos desafiaram a pensar: como as pesquisas em seus resultados, constituem-se em implementação de programas, leis, decretos, instituições que prescrevem ou não, orientam ou não, a vida, numa relação de governo de si e do "outro"? O que estes projetos e programas prescrevem para as crianças? Qual a visão de criança indígena partem estes documentos e programas? Como a implementação destes programas chega às terras indígenas e aldeias? O que prescrevem e como os orientam nas áreas que atendem? Enfatizamos que o interrogar não está sobre a necessidade ou não de políticas públicas que atendam as questões de saúde, educação dos povos indígenas, mas de como estes podem afetar suas relações com a terra, com a cosmologia, com a vida. As questões da vida, da educação das crianças e das práticas sociais dos povos indígenas kaingang são afetadas, tomadas cotidianamente por conhecimentos das diferentes áreas como da educação, da antropologia, da saúde, do direito, as quais merecem nosso olhar atento sobre o que se produz sobre as crianças.

Referências

BRIGHENTI, Clovis Antônio.. Colonialidade do poder e a violência contra os povos indígenas. *Revista PerCursos.* Florianópolis, v. 16, n.32, p. 103 – 120, set./dez. 2015. (Disponível em: https://www.revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/. Acesso em: 20 jan. 2018 (Artigo em Periódico Digital)

CARBONERA, M; LINO, J. T; ONGHERO, A. L. Um passado distante, um patrimônio presente: o povoamento pré-colonial de Chapecó. In: CARBONERA et al. (Orgs.). *Chapecó 100 anos: histórias plurais.* Chapecó, SC: Argos, 2017. p. 19-58. (Capítulo de livro)

CÈSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo.* Livros e Livros: Florianópolis, 2017. (Obra completa)

CLIFFORD, James. MARCUS, George (orgs). *A escrita da cultura.* Poética e política da etnografia. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2016. (Obra completa)

CHIMAMANDA, Ngozi Adichie. *O perigo de uma história única.* São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 61p. (Obra completa)

CRAPANZANO, Vincent. O dilema de Hermes: o disfarce da subversão na descrição etnográfica. In: CLIFFORD, James. MARCUS, George (orgs.). *A escrita da cultura.* Poética e política da etnografia. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2016. (Capítulo de livro)

DMITRUK, H. B. Repensando os discursos e imagens sobre os indígenas. In: *Cadernos do CEOM.* Chapecó, v. 17, n. 18, p. 261-298, 2003. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2225/1307. Acesso em: 15 mar. 2018. (Artigo em Periódico Digital)

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade II.* O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Edições Graal,1984. (Obra completa)

LIMA, Patricia de Moraes. Infância(s), alteridade e norma: dimensões para pensar a pesquisa com crianças em contextos não institucionais. *Currículo sem Fronteiras*, v. 15, n. 1, p. 94-106, jan./abr. 2015. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol15iss1articles/lima.pdf>. Acesso em: 21 maio 2019. (Artigo em periódico digital)

MBEMBE, Achile. *Necropolítica.* Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. N-1 edições: São Paulo, 2018. (Obra completa)

MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais/projetos globais:* colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2003. (Obra completa)

_____. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF* – Dossiê: Literatura, língua e identidade, no 34, p. 287-324, 2008. (Artigo em periódico físico)

NACKE, Aneliese. RENK, Arlene. PIOVEZANA, Leonel e BLOEMER, Neusa Maria Sens (orgs). *Os Kaingang no Oeste Catarinense.* Tradição e atualidade. Argos: Chapecó, 2007. (Obra completa)

NUNES, Angela (orgs.). *Crianças indígenas.* Ensaios Antropológicos. Global: São Paulo, 2002. (Obra completa)

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa e MENESES, Maria Paula (orgs.). *Epistemologias do Sul.* São Paulo: Cortez, 2010. p. 73-119. (Capítulo do livro)

Instituto Socioambiental. - Povos Indígenas no Brasil. Disponível em https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kaingang. Acesso em: jun 2019.